

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DISCENTE: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY

TEACHING STRATEGIES AND THE DEVELOPMENT OF STUDENT AUTONOMY: AN ANALYSIS BASED ON VYGOTSKY'S CONTRIBUTIONS

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS Y DESARROLLO DE LA AUTONOMÍA DEL ALUMNO: UN ANÁLISIS A PARTIR DE LAS APORTACIONES DE VYGOTSKI

Dariane Nazaré de Araújo Freitas¹

Lara Luana Soares Primo²

Johny Silva Facundo³

Lêda Maria Tomazi Fagundes⁴

Wysney Pereira Rocha⁵

Thiago Nilton Alves Pereira⁶

Ruhena Kelber Abrão⁷

RESUMO: O presente artigo analisa de que maneira as estratégias de mediação pedagógica contribuem para a construção da autonomia de estudantes de mestrado, a partir de uma experiência vivenciada na disciplina Teorias da Aprendizagem, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins. Fundamentado na perspectiva Histórico-Cultural de Lev Vygotsky e nas contribuições de Paulo Freire, Guy R. Lefrançois e outros autores, o estudo adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo-reflexivo, articulando relato de experiência e revisão narrativa da literatura. As atividades desenvolvidas na disciplina, como leituras orientadas, debates, resolução de problemas, discussões em grupo e júri simulado, favoreceram processos de mediação pedagógica capazes de promover a interação entre os estudantes, a internalização de conceitos científicos e o desenvolvimento do pensamento crítico. Os resultados evidenciam que a autonomia discente não constitui uma capacidade prévia, mas um processo socialmente construído, decorrente de práticas pedagógicas intencionalmente organizadas. Conclui-se que a mediação docente desempenha papel central na constituição da autonomia intelectual, ao favorecer a passagem dos conceitos cotidianos para os científicos, fortalecendo a autorregulação, a produção compartilhada do conhecimento e a formação crítica de pesquisadores na pós-graduação.

Palavras-chave: Estratégias pedagógicas. Autonomia. Mediação.

¹Mestranda em Educação (PPGE). Universidade Federal do Tocantins.

²Mestranda em Educação (PPGE). Universidade Federal do Tocantins.

³Mestrando em Educação (PPGE). Universidade Federal do Tocantins.

⁴Mestranda em Educação (PPGE). Universidade Federal do Tocantins.

⁵Mestrando em Educação (PPGE). Universidade Federal do Tocantins.

⁶Docente do curso de Doutorado em Educação na Amazônia. Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde na Faculdade (CEPELS) Universidade Federal do Tocantins (UFT).

⁷Docente do curso de Doutorado em Educação na Amazônia. Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde na Faculdade (CEPELS) Universidade Federal do Tocantins (UFT).

ABSTRACT: This article analyzes how pedagogical mediation strategies contribute to the development of autonomy among master's students, based on an experience in the course "Theories of Learning" in the Graduate Program in Education at the Federal University of Tocantins. Grounded in Lev Vygotsky's historical-cultural perspective and the contributions of Paulo Freire, Guy R. Lefrançois, and other authors, the study adopts a qualitative, descriptive-reflective approach, combining an account of the experience with a narrative review of the literature. The activities carried out in the course, such as guided readings, debates, problem-solving, group discussions, and a mock jury, facilitated pedagogical mediation processes capable of promoting interaction among students, the internalization of scientific concepts, and the development of critical thinking. The results show that student autonomy is not a pre-existing ability but a socially constructed process resulting from intentionally organized pedagogical practices. It is concluded that teacher mediation plays a central role in the development of intellectual autonomy by facilitating the transition from everyday concepts to scientific ones, thereby strengthening self-regulation, the shared production of knowledge, and the critical training of graduate researchers.

Keywords: Teaching Strategies. Autonomy. Mediation.

RESUMEN: El presente artículo analiza de qué manera las estrategias de mediación pedagógica contribuyen a la construcción de la autonomía de los estudiantes de máster, a partir de una experiencia vivida en la asignatura Teorías del aprendizaje, del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Tocantins. Basándose en la perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky y en las aportaciones de Paulo Freire, Guy R. Lefrançois y otros autores, el estudio adopta un enfoque cualitativo, de carácter descriptivo-reflexivo, que combina el relato de la experiencia y la revisión narrativa de la literatura. Las actividades desarrolladas en la asignatura, como lecturas guiadas, debates, resolución de problemas, discusiones en grupo y un tribunal simulado, favorecieron procesos de mediación pedagógica capaces de promover la interacción entre los estudiantes, la interiorización de conceptos científicos y el desarrollo del pensamiento crítico. Los resultados ponen de manifiesto que la autonomía del estudiante no constituye una capacidad previa, sino un proceso construido socialmente, derivado de prácticas pedagógicas organizadas de forma intencionada. Se concluye que la mediación docente desempeña un papel central en la constitución de la autonomía intelectual, al favorecer la transición de los conceptos cotidianos a los científicos, fortaleciendo la autorregulación, la producción compartida del conocimiento y la formación crítica de los investigadores en la formación de posgrado.

Palabras clave: Estrategias pedagógicas. Autonomía. Mediación.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade impõe à educação a necessidade urgente de superação dos modelos pedagógicos herdados da tradição expositiva de ensino, marcados pela centralidade do professor e pela valorização da memorização como principal estratégia de aprendizagem. Essa perspectiva aproxima-se da denominada educação bancária que, segundo Freire (1970), caracteriza-se por uma prática pedagógica centrada na transmissão unilateral do conhecimento, na qual o professor assume o papel de narrador dos conteúdos e o estudante ocupa uma posição passiva,

limitada à recepção e à memorização das informações. Nesse modelo, o educando é concebido como um recipiente vazio a ser preenchido pelo saber do educador, restringindo sua participação ativa no processo de aprendizagem.

Quando se pensa no contexto da pós-graduação, observa-se a permanência de uma concepção velada de que o estudante de mestrado já é capaz de gerir, de forma autônoma, sua própria trajetória intelectual. Entretanto, a autonomia não constitui um estado estático nem um atributo biográfico preexistente; configura-se como um processo contínuo e socialmente construído de desenvolvimento da independência cognitiva e reflexiva.

Nessa direção, Lopes (2022) destaca que a construção da autonomia ocorre de maneira dialógica, sendo produzida na relação entre docentes e discentes por meio da troca de experiências. Para o autor, cabe ao professor reconhecer a leitura de mundo do estudante, favorecendo a construção de um conhecimento crítico e emancipador.

Partindo dessa problemática, o presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira as estratégias de mediação pedagógica contribuem para a construção da autonomia de estudantes de mestrado, a partir da análise de uma experiência vivenciada na disciplina Teorias da Aprendizagem. O diferencial analítico desta investigação reside na proposta metodológica adotada na disciplina, cujas aulas foram integralmente organizadas a partir de estratégias de mediação pedagógica. Para compreender esse processo de deslocamento do estudante da condição de reprodutor para a de coautor da aprendizagem, recorrem-se às contribuições teóricas de Lev Vygotsky, especialmente aos conceitos de mediação, internalização, signos e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A distinção entre a mediação pedagógica na perspectiva de Vygotsky e a concepção de facilitação da aprendizagem torna-se evidente a partir da análise de Lefrançois (2008). O autor ressalta que, para Vygotsky, a aprendizagem não decorre de um simples florescimento endógeno, uma vez que "o desenvolvimento cognitivo é em grande parte uma função do contexto sociocultural" (LEFRANÇOIS, 2008, p. 267). Nessa perspectiva, o professor intervém intencionalmente na Zona de Desenvolvimento Proximal, compreendendo que "a boa instrução deve focar no que está no limite do potencial" do estudante (LEFRANÇOIS, 2008, p. 270). Assim, a mediação pedagógica não se restringe à criação de um ambiente favorável à aprendizagem, mas envolve a oferta de "andaimes" (*scaffolding*) conceituais e metodológicos que desafiam os conhecimentos prévios dos estudantes e favorecem a passagem do suporte social para a autonomia intelectual.

A organização teórica de Vygotsky demonstra que as funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato, a atenção voluntária e a reflexão crítica, não emergem por maturação biológica nem por mera exposição passiva ao meio. O desenvolvimento cultural do sujeito ocorre, invariavelmente, em dois planos: primeiro, no nível social, entre as pessoas; posteriormente, no nível individual, por meio da internalização dessas relações (Vygotsky, 1998). Sob essa perspectiva, a formação em nível de mestrado demanda compreender que a capacidade de produzir reflexão científica autônoma constitui, inicialmente, uma atividade socialmente mediada, para somente depois tornar-se uma competência individual.

Diante disso, o papel do docente no ensino superior exige uma rediscussão. O professor não pode ser reduzido à figura de mero transmissor de conteúdos, assim como sua atuação não deve ser compreendida apenas como a de um facilitador não diretivo. Na perspectiva histórico-cultural, a mediação realizada pelo professor constitui elemento fundamental do processo de aprendizagem, pois favorece o desenvolvimento da criatividade, da postura crítica e da participação ativa do estudante, promovendo a construção contínua de novos conhecimentos (VYGOTSKY, 1998).

À luz da perspectiva histórico-cultural, a mediação constitui a inserção de um elemento intermediário entre o sujeito que aprende e o objeto do conhecimento. Rego (2002) destaca que a abordagem vygotskyana compreende o desenvolvimento humano “através de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro” (p. 90).

Nesse processo, o professor organiza intencionalmente situações de aprendizagem capazes de favorecer a apropriação de conceitos científicos e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A intervenção pedagógica, portanto, não se limita à transmissão de conteúdos, mas promove condições para que o estudante avance de níveis de compreensão já consolidados para formas mais elaboradas de pensamento, favorecendo a construção da autonomia (CONCEIÇÃO, et al. 2019).

Outrossim, a linguagem desponta nesta análise não apenas como veículo de comunicação, mas como elemento constitutivo do pensamento. No método mediado proposto por Vygotsky, o debate acadêmico, a defesa fundamentada de pontos de vista, a problematização dos conceitos e a sistematização escrita constituem práticas sociais que impulsionam a passagem do plano interpsicológico para o intrapsicológico. Ao verbalizar suas análises no coletivo da sala de aula, o mestrando reorganiza suas estruturas cognitivas,

internalizando os conhecimentos produzidos na interação com o professor e com os demais colegas.

Nessa perspectiva, a autonomia discente na pós-graduação revela-se um processo dialético, no qual a emancipação intelectual é construída por meio da interação social e da mediação pedagógica. A independência científica não representa um ponto de partida, mas uma conquista decorrente da participação ativa do estudante em práticas educativas intencionalmente organizadas.

Assim, parte-se da tese de que a autonomia universitária somente se consolida por meio de uma mediação pedagógica intencional, dialógica e interativa, capaz de reconhecer no outro social a gênese do desenvolvimento intelectual. Ao analisar as estratégias pedagógicas desenvolvidas na disciplina Teorias da Aprendizagem, este estudo busca demonstrar como a mediação docente favorece a construção da autorregulação, do pensamento crítico e da autonomia intelectual dos estudantes de mestrado, evidenciando que a produção do conhecimento científico constitui um processo essencialmente coletivo antes de tornar-se uma realização individual.

MÉTODOS

5

O presente trabalho foi construído a partir da experiência vivenciada na disciplina Teorias da Aprendizagem, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT). As aulas tiveram duração média de três horas, ocorreram semanalmente durante o primeiro semestre de 2026 e contaram com a participação de estudantes regulares e especiais.

As aulas presenciais foram fundamentadas no livro *Teorias da Aprendizagem: o que o professor disse*, de Guy R. Lefrançois. Para cada encontro, era indicado previamente um capítulo para leitura e, a partir do conteúdo estudado, eram desenvolvidas atividades coletivas, como discussões em grupo, resolução de problemas, debates e júri simulado. Após a realização das atividades, os grupos socializavam suas reflexões com os demais colegas, assumindo papel ativo na condução do próprio processo de aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-reflexivo, desenvolvida por meio da articulação entre relato de experiência e revisão narrativa da literatura. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados,

valores, crenças, atitudes e experiências dos participantes em seus contextos de vida, considerando as condições sociais e os processos que constituem a realidade investigada.

Como procedimento complementar, realizou-se uma revisão narrativa da literatura, entendida como uma estratégia de investigação que possibilita reunir, analisar e interpretar produções científicas relevantes acerca do objeto de estudo, favorecendo a construção de uma compreensão crítica sobre o fenômeno investigado (RIBEIRO, 2014). Diferentemente das revisões sistemáticas, essa modalidade de revisão permite estabelecer um diálogo interpretativo entre diferentes referenciais teóricos e a experiência analisada, ampliando as possibilidades de reflexão sobre a realidade estudada.

Para subsidiar essa análise, foram mobilizadas obras clássicas e contemporâneas que discutem aprendizagem, mediação pedagógica e autonomia discente, com destaque para Vygotsky, Lefrançois, Freire. A seleção das obras fundamentou-se na pertinência dos autores em relação ao objetivo da pesquisa e na capacidade de seus referenciais explicarem os processos de mediação pedagógica e de construção da autonomia no contexto educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das estratégias pedagógicas adotadas na disciplina Teorias da Aprendizagem revelou que a construção da autonomia discente não ocorreu de forma espontânea ou isolada, mas sim como resultado de um processo intencional de mediação. As atividades desenvolvidas, fundamentadas na leitura prévia dos capítulos do livro Teorias da Aprendizagem de Lefrançois (2008), operaram como ferramentas simbólicas que mediarão a apropriação do conhecimento científico pelos mestrando.

As discussões em grupo constituíram o eixo central da dinâmica pedagógica da disciplina. Para cada encontro, um capítulo era indicado previamente para leitura e, a partir do conteúdo estudado, os grupos eram instigados a realizar discussões coletivas, resolução de problemas e debates. Nessa etapa inicial, a mediação docente não forneceu sínteses conceituais prontas, mas estruturou um conjunto de questionamentos provocativos que tensionam o pensamento dos alunos. Vygotsky (2007) acredita, assim, que o homem atua sobre o conhecimento e se envolve em um fazer sobre o mesmo, ressignificando-o internamente.

Os instrumentos utilizados na mediação utilizada pelo professor, não eram apenas materiais concretos, como cartas, jogos, símbolos, mapas mentais, mas instrumentos complexos: teorias, categorias analíticas, abstratas e textos científicos. Ao intervir

metodologicamente por meio de questionamentos provocativos, tensionamentos epistemológicos e contraexemplos, em vez de fornecer sínteses conceituais concretas, o professor mediador estruturava sistemas de suporte. Esse suporte pedagógico permitiu aos mestrandos transitar progressivamente pelos níveis de complexidade teórica, pois como nos afirma Freire (1996) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a construção” (p. 21).

Nessa perspectiva, a autonomia não constitui um ponto de partida ou um atributo inato do estudante universitário, tampouco uma capacidade desenvolvida na individualidade intelectual. Pelo contrário, a autonomia é a consequência direta de boas práticas pedagógicas, isto é, um processo gradativo de apropriação cultural que se consolida à medida que o estudante, por meio da colaboração dos pares, da relação com o saber.

Conceição et. al. (2019) destacam que a mediação consiste em criar as condições necessárias para os processos de internalização, compreendidos como a reconstrução interna de operações inicialmente realizadas no plano externo. Nessa concepção, a constituição do sujeito ocorre por meio das relações sociais e da cultura, evidenciando que o desenvolvimento humano é mediado pela interação com o outro.

Nas primeiras aulas, as contribuições dos estudantes evidenciaram a predominância de conceitos cotidianos, muitas vezes ancorados em experiências empíricas pessoais ou em um senso comum sobre o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, à medida que a interação social era mediada pelo professor e pelos pares, os mestrandos passaram a mobilizar categorias analíticas mais sofisticadas, transitando gradativamente da linguagem cotidiana para a linguagem dos conceitos científicos.

Os debates em sala de aula representaram outro momento de intensa mediação. Neles, os grupos socializaram suas reflexões com os demais colegas, assumindo a responsabilidade pelo autogerenciamento do processo de aprendizagem. A mediação pedagógica operou de forma a deslocar o discente da posição de receptor passivo de informações para a de protagonista ativo na construção do saber. Para sustentar seus argumentos perante o coletivo, os alunos precisaram internalizar as teorias de Lefrançois (2008) e transformá-las em instrumentos de pensamento e de defesa de seus pontos de vista.

A linguagem, nesse contexto, deixou de ser apenas um meio de comunicação de ideias já formuladas e passou a atuar como o motor de constituição do pensamento reflexivo, promovendo a transição da fala social para o discurso interior. Para Vygotsky (1998), o

pensamento por conceitos possibilita ao sujeito apreender os nexos essenciais que estruturam a realidade, permitindo compreender as leis que a organizam por meio de relações lógicas. Nesse processo, a linguagem, expressa pelas palavras enquanto signos dos conceitos, desempenha papel fundamental na mediação do conhecimento, favorecendo uma compreensão mais profunda da realidade concreta.

A resolução de problemas pedagógicos, por sua vez, exigiu dos mestrandos a articulação entre a teoria estudada e as práticas reais do contexto educacional. Ao confrontar situações-problema, os grupos foram forçados a mobilizar os conceitos lidos de forma aplicada, o que intensificou a passagem dos conceitos cotidianos para os conceitos científicos estruturados. A intervenção do professor, nesse momento, consistiu em apresentar contraexemplos e tensionamentos epistemológicos que desestabilizaram as certezas prévias, obrigando os estudantes a refinar suas análises e a buscar maior rigor teórico em suas proposições.

Freire (1996) evidencia a importância do professor no processo de autonomia, pois segundo o mesmo a função do professor não é apenas dar aula, informar e explicar os conteúdos, mas sim provocar os discentes criticamente, logo o papel do docente não é apenas transferir conhecimento, mas fomentar possibilidades para a própria educação. Diante disso, as estratégias pedagógicas para que isso aconteça devem ser pensadas de modo que propicie esse espaço para reflexão e autonomia.

8

A socialização das reflexões ao longo do semestre revelou um processo gradativo de construção da autonomia. No início da disciplina, os grupos dependiam fortemente da validação e do direcionamento do professor para consolidar suas conclusões. No entanto, ao longo dos encontros, observou-se um desmonte progressivo desses suportes provisórios. Os mestrandos passaram a assumir a responsabilidade pelo seu próprio aprendizado, gerenciando o tempo das atividades, dividindo as tarefas entre os pares e, sobretudo, validando suas conclusões com base nos critérios científicos discutidos em sala, sem necessidade de intervenção constante do docente.

Essa transição corrobora a tese vygotskiana de que as funções psicológicas superiores, como o pensamento crítico, a reflexão e a autonomia intelectual, surgem primeiro no plano social (interpsicológico) e depois no plano individual (intrapsicológico). A disciplina, ao instituir um ecossistema de colaboração e tensionamento epistemológico, permitiu que os mestrandos internalizassem os instrumentos simbólicos necessários para atuar de forma

autônoma. A autonomia, portanto, não se mostrou como uma ruptura com o coletivo, mas como a síntese internalizada de um longo processo de interação mediada.

A relação estabelecida com o saber, com os pares e com o professor configurou-se como uma rede de suporte que, progressivamente desmontada, revelou-se a condição indispensável para promover autonomia e pensamento crítico. Por fim, este estudo revela que a autonomia discente na pós-graduação não é um pré-requisito que o estudante traz consigo, mas um resultado intencionalmente produzido pelo desenho pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do processo vivenciado percebe-se a importância das práticas pedagógicas no processo de construção da autonomia, porém essas estratégias só irão atingir este objetivo se empregadas de maneira adequada, ou seja, o processo precisa fazer sentido para o estudante, para que ele compreenda o processo no qual está inserido. Vale a pena destacar que apenas as estratégias, sem a mediação intencional do professor, não são por si só suficientes para o desenvolvimento de um pensamento crítico, e que promova autonomia.

A partir dos teóricos apontados no texto, torna-se evidente a necessidade de práticas educativas que superem os limites da educação bancária, na qual o estudante é concebido como mero receptor de informações. A aprendizagem deve ser compreendida como um processo dinâmico, dialógico e coletivo, em que ensinar e aprender constituem dimensões indissociáveis. Em contrapartida, a fragmentação do conhecimento e as relações hierarquizadas presentes em determinadas práticas pedagógicas tendem a reforçar a passividade discente e a reprodução de modelos mecanicistas de ensino.

Por fim, torna-se fundamental a realização de novas pesquisas, especialmente estudos de campo, que ampliem e aprofundem esse debate, favorecendo a reflexão sobre práticas pedagógicas comprometidas com a construção da autonomia discente. A produção de conhecimento acerca dessa temática pode contribuir para o fortalecimento das discussões acadêmicas e para a consolidação de práticas educativas que promovam a formação de sujeitos críticos, reflexivos e capazes de atuar de maneira autônoma.

REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, EFV, et al. Aprendizagem mediada pelo professor: uma abordagem vygotskyana. vol. 8, núm. 7, pp. 01-14, 2019.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1970.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFRANÇOIS, GR. *Teorias da aprendizagem: o que a professora disse*. Tradução da 5ª edição norte-americana. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

LOPES, CC. *Construção da autonomia no processo de aprendizado discente: mudanças causadas pela pandemia da COVID 19 em cursos de Ciências Contábeis*. Dissertação (Mestrado em Contabilidade). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2022.

MINAYO, MCS (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

REGO, TCR. (2002). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes.

RIBEIRO, JLP. Revisão de investigação e evidência científica. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v.15 n.3, p. 671-682, 2014.

VYGOTSKY, LS. *Pensamento e linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.1998.

VYGOTSKY, LS. *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2007